



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO**

**PROVA DE CONHECIMENTOS DE LÍNGUA E CULTURA
PORTUGUESA**

17 de Maio de 2011

**Provas especialmente adequadas destinadas a avaliar a capacidade
para frequência do ensino superior dos maiores de 23 anos (previstas
no artigo 4º 1. c) do Regulamento)**

Tempo de realização da prova – 1h30 (Tolerância: 30 minutos)

PARTE I

Leia atentamente o texto de Maria Alice Samara e responda às questões formuladas.

A participação dos republicanos no espaço político implicava, necessariamente, a reivindicação da capacidade de expressão dos interesses de um grupo. Neste sentido, o republicanismo teria de dar voz aos interesses de um conjunto de agentes ou de uma ou mais classes sociais. Num sentido restrito, os republicanos podiam representar intelectuais, as classes médias, as profissões liberais, comerciantes e mesmo alguns proprietários. Nas análises históricas feitas sobre este período, os republicanos aparecem próximos da Lisboa não proletária das classes médias-baixas e procuram, paralelamente, tecer convergências com o mundo do trabalho. Embora o socialismo e o anarquismo existissem autonomamente, muitos dos seus elementos trabalharam lado a lado com os republicanos, constituindo uma frente de ataque ao regime monárquico. Os republicanos hegemonizaram o campo de protesto, conseguindo impor a necessidade de mudança do regime político, quer no sentido de um fim em si mesmo, para uns, quer como uma etapa necessária para uma diferente situação política, para outros. Há, por outro lado, indivíduos nas fronteiras entre estes grupos que se podem caracterizar por uma pertença simultânea e sobreposta aos mesmos, sendo a sua identidade política mais complexa e não redutível apenas a uma linha de pensamento e acção. Assim, podemos falar de republicanos socializantes ou de socialistas que se aproximaram do republicanismo.

Se os republicanos surgem, como, aliás, a historiografia do período refere, associados a determinados grupos e agentes políticos e sociais, isso não significa que eles não se imaginassem de outra forma, reivindicando uma representação mais vasta e muito mais abrangente do que apenas esses grupos sociais. Sinal de um preconceito contra a ideia de facção e de uma vontade de credibilização política, os republicanos defendiam que não representavam uma parte, mas sim o todo. Nos variados discursos, os diferentes republicanos ou representavam o povo ou pertenciam ao povo. A sua posição mais comum era a da consciência da alteridade, assumindo os republicanos a representação do povo, mas não estava ausente a ideia de identidade entre uns e o outro.

A ideia da existência de um povo cedia passo, de acordo com as exigências discursivas, narrativas e políticas, a vários povos. A definição do conceito povo, para muitos dos republicanos, estava indissociavelmente ligada à politização. Já não estavam a falar apenas de uma entidade que vinha da noite dos tempos. Para ser politicamente interessante, tinha de renascer. Ou seja, ser povo implicava um conjunto de condições, uma determinada postura, uma vontade. João Chagas, numa das suas cartas políticas, tratou do nascimento do povo. Defendeu que o povo não se improvisou, sendo antes obra de uma gestação lenta. O povo não existia até 4 de Maio de 1906: não ia às urnas, não lia jornais que advogavam a sua causa, aceitava de braços cruzados a perseguição dos seus defensores e todas as opressões. Com o 4 de Maio de 1906 (incidentes de grande violência no Rossio, entre a multidão que esperava Bernardino Machado e a força pública), o povo de Lisboa ficou diferente, o povo nasceu. Assim sendo, o povo existe ou passa a existir quando tem as ferramentas críticas para se entender (e aqui a ajuda do jornal popular é fundamental) e quando começa a agir em conformidade. Assim sendo, esta definição de povo parecia poder excluir uma parte da nação, o povo rural que não dispunha das ferramentas críticas para ter consciência de si.

SAMARA, Maria Alice (2010) O movimento republicano e o povo In: *Como se faz um Povo – Ensaios em História Contemporânea de Portugal* NEVES, José (Coord.), pág. 93-105, Lisboa: Fundação EDP e Edições tinta-da-china, Lda.

Grupo A

1. Caracterize a base social dos republicanos.
2. Refira a imagem social que os republicanos construíram de si próprios.
3. Sugira um título para o texto apresentado, justificando a sua proposta.
4. Explícite a seguinte afirmação: *Os republicanos hegemonizaram o campo de protesto, conseguindo impor a necessidade de mudança do regime político, quer no sentido de um fim em si mesmo, para uns, quer como uma etapa necessária para uma diferente situação política, para outros.* (linhas 11 a 15).

Grupo B

Escolha e responda **apenas a uma** das seguintes questões.

1. Apresente a definição de povo:
 - 1.1 para os republicanos;
 - 1.2 para a autora do texto.

2. 4 de Maio de 1906

- 2.1 Quais os acontecimentos históricos que o caracterizam?
- 2.2 Quais são as suas consequências político-sociais?

Grupo C

- 1. Apresente uma definição para **um** dos seguintes conceitos:
 - 1.1 preconceito;
 - 1.2 alteridade.
- 2. Apresente dois dos sinónimos de **uma** das seguintes palavras:
 - 2.1 hegemonizar;
 - 2.2 advogar.

Grupo D

Redija um resumo do texto apresentado. (O seu resumo deve ter no **máximo 120 palavras.**)

PARTE II

Escolha **apenas um** dos excertos (A ou B) e sobre o mesmo assunto elabore um texto de opinião. (O seu texto deve ter no **máximo 120 palavras.**)

Excerto A

Ser capaz de viver no novo oceano das culturas exige competências específicas, desde logo, a da compreensão horizontal das sociedades multiculturais. Trata-se de competências de integração vs segregação, de cooperação vs dominação, de acolhimento vs competição. Uma Educação para a Tolerância e para a Interdependência implica o desenvolvimento pessoal de um sentimento de estima pela humanidade, de apreço pela sua aventura colectiva e de valoração das suas diversas culturas como expressão inestimável dos dramas de vida de cada povo. (p. 70)

Carneiro, Roberto *O horizonte intercultural da Nova Escola*, In: *Fundamentos da Educação e da Aprendizagem - 21 ensaios para o século 21*. FML, 2001

Excerto B

O fenómeno é conhecido e muito estudado. Ou porque existem culturas racistas e xenófobas; ou porque há forças políticas e económicas que tentam explorar crenças e preconceitos; ou porque permanecem nas sociedades reminiscências de conflitos ancestrais; ou porque a intolerância religiosa e política se manifesta; ou, finalmente, porque perante dificuldades sociais e económicas conjunturais, há quem procure, entre os imigrantes, os bodes expiatórios para tais dificuldades; por todas estas e outras razões, a verdade que é muito frequente que, em país onde existe uma população imigrante de alguma importância, surjam reflexos e comportamentos de carácter racista.

Barreto, A. (2002) *Tempo de Incerteza* Lisboa: Relógio D'Água Editores

PARTE III

Escolha **apenas uma** das seguintes propostas.
(O seu texto deve ter no máximo 300 palavras.)

1. Narre um episódio da sua vida em que presenciou ou sofreu comportamentos xenófobos.
2. Desenvolva a seguinte ideia: a cultura portuguesa é fruto de múltiplas relações interculturais.

FIM

COTAÇÕES

TOTAL: 200 PONTOS

Parte I: 130 pontos

Grupo A: 50 pontos (10; 10; 15; 15)
Grupo B: 30 pontos (15; 15)
Grupo C: 20 pontos (10; 10)
Grupo D: 30 pontos

Parte II: 30 pontos

Parte III: 40 pontos